

Investigador diz que próxima crise no país vai ser a da água e afetará mais Algarve e Alentejo

written by 0 Cidadão | 5 de Novembro, 2023



*“Por um lado temos a crise na saúde, que enche os noticiários no dia-a-dia, é dramática e é uma crise de falta de planeamento. Temos a crise da habitação, que agora está um pouco menos falada porque estamos ocupados com o que se passa na Palestina e na Faixa de Gaza, e vamos ter a muito curto prazo a **crise da água**”, afirmou o investigador da Universidade do Algarve (UAlg).*

Nuno Loureiro advertiu que, se este ano hidrológico não for **“generoso”**, no próximo ano, a crise da água **“vai estoirar à força toda”** e afetar especialmente os territórios do **Alentejo e Algarve**.

“As reservas que temos já não nos garantem um ano de consumo, ou garantem com muitas limitações. E perante esta situação não há respostas fáceis, não há soluções fáceis, mas há soluções que têm de ser adotadas e que passam por um planeamento e uma

fiscalização séria”, defendeu.

A mesma fonte reconheceu que, entre as áreas de atuação para tornar o consumo de água **mais sustentável**, está o **consumo doméstico** e esse *“gere-se pelo preço, não se gere com campanhas cor-de-rosa”,* de publicidade.

O investigador, que conta com estudos na área dos recursos hídricos, disse que a gestão faz-se também com *“coisas completamente impensáveis no Algarve atual”,* como é, por exemplo, a **“propagação de piscinas privadas”**, que classificou como um **“absurdo”** num cenário de escassez de água.

“Toda a gente tem uma piscina, uma piscina é um volume de água considerável(...) É um consumo de água privado, é um desperdício de água privado, que não traz contrapartidas absolutamente nenhuma”, defendeu, frisando que se pode dizer que a *“agricultura gasta muito ou gasta pouco, mas produz alimentos, produz emprego”.*

Nuno Loureiro **apelou** para um maior planeamento e fiscalização, através da utilização de ferramentas como, por exemplo, **as imagens de satélite, que mostram um “acréscimo das áreas regadas no Algarve ao longo do tempo”.**

“Se for buscar imagens dos anos de 1980, vê-se como é pequena a mancha dos citrinos de Silves, vê-se como toda a zona a norte e a sul da Estrada Nacional 125 entre Tavira e Vila Real de Santo António é modesta. Nos anos recentes, se formos buscar imagens de 2018, 2020, 2022, vê-se que cada vez cresce mais e cada vez se rega mais”, acrescentou.

Esta ferramenta permite *“fiscalizar criteriosamente a utilização da água”* e não está a ser utilizada pelos decisores técnicos e políticos de forma adequada, mas *“tem de começar a ser”,* defendeu.

“Esta imagem de satélite permite, utilizando as diferentes bandas de imagem, caracterizar perfeitamente o estado hídrico

da vegetação”, acrescentou o investigador.

Pode ver-se, por exemplo, se uma vegetação “muito satisfeita de água está a ser regada” e essa informação pode cruzar-se com “as possíveis fontes de água, entre as quais os furos ilegais” ou “as barragens que não podem regar, mas continuam a regar ou as culturas continuam a ter água”.

Nuno Loureiro considerou que estas ferramentas “têm de começar a ser utilizadas porque o assunto é muito sério” e, “mesmo que este inverno chova um bocadinho mais, pode atenuar um pouco a dor mas não é remédio” para o problema que a região se enfrenta.